

Aforização e Religião: circulação de enunciados na internet*

Aphorization and Religion: circulation of enunciations in the internet

Edvania Gomes da Silva
(UESB)

RESUMO

Neste artigo, analiso o funcionamento discursivo de frases e provérbios bíblicos que circulam na internet. O eixo central das discussões teórico-metodológicas centra-se nos trabalhos de Dominique Maingueneau, principalmente nos conceitos de aforização e de hiperenunciador, e na noção de comunicação, conforme proposta por Alice Krieg-Planque. As análises mostram que, em relação ao funcionamento das frases e dos provérbios selecionados, o status pragmático das enunciações aforizantes está relacionado às práticas de retomada, de reformulação e de transformação dos enunciados, comuns às formas de comunicação da internet e ao campo religioso, o qual tem suas “regras” (no sentido de regularidades) de funcionamento. Assim, há, por um lado, restrições relativas à circulações dos enunciados; e, por outro, restrições históricas, que dizem respeito ao funcionamento do campo religioso.

Palavras-chave: *Discurso. Religião. Enunciação Aforizante. Circulação.*

* Neste trabalho, o termo “enunciado” é tomado como sinônimo de formulação linguística, assim como o utilizam Pêcheux (1988, entre outros) e Maingueneau (2005, entre outros). Nesse caso, tanto as “Frases religiosas” quanto os “Provérbios da Bíblia”, que constituem o *corpus* deste artigo, são considerados enunciados.

ABSTRACT

In this paper, I aim to analyze the discursive functioning of biblical sentences and proverbs that circulate in the Internet. The central axis of the theoretical-methodological discussions focuses on Dominique Maingueneau's works, mainly on the concepts of aphorization and hyperenunciator, and on the notion of communication as proposed by Alice Krieg-Planque. The analyses show that, in relation to the functioning of the selected sentences and proverbs, the pragmatic status of the aphorizing utterances is related to the practices of resumption, reformulation and transformation of the enunciations, common to the forms of communication of the Internet and to the religious field, which have their "rules" (in the sense of regularities) of functioning. Thus, there is, on the one hand, restrictions related to the circulation of the enunciations; on the other hand, historical restrictions, which regard the functioning of a given field.

Key-words: *Discourse. Religion. Aphorizing Enunciation. Circulation.*

Neste artigo, estudo o funcionamento de provérbios e frases que circulam na *internet*. O objetivo é mostrar o funcionamento discursivo dos enunciados analisados, relacionando o referido *corpus* com a noção pragmática de circulação. Para tanto, primeiramente, verifico o percurso desses provérbios e frases em dois diferentes *sites*. Em um segundo momento, apresento os conceitos teóricos que fundamentam as análises, quais sejam: as noções de *aforização* e de *hiperenunciador*, propostas por Dominique Maingueneau, e a noção de *comunicação*, conforme apresentada por Alice Krieg-Planque. Em seguida, procedo a análise do *corpus*, verificando a relação entre os aspectos formais e os aspectos discursivos e pragmáticos dos enunciados selecionados.

1. Circulação de citações bíblicas na *internet*: constituição de um percurso

É cada vez mais comum encontrarmos, na *internet*, *sites* que trazem como produto a ser oferecido ao "internauta" frases para diferentes situações. Esses *sites* têm nomes bastante sugestivos, como *frases e provérbios* ou *belas mensagens*. A estrutura desses sítios é basicamente a mesma: há, em destaque no alto da página, o nome/título do

site (por exemplo: *frases e provérbios* ou *belas mensagens*), seguido de uma espécie de *slogan* que o apresenta/caracteriza (por exemplo: “uma coletânea com as melhores frases e provérbios” ou “aqui você encontra as mais belas mensagens da internet”). Abaixo, geralmente no canto esquerdo da página, há uma lista de palavras que remetem aos diferentes “tipos” de frases que podem ser encontradas no sítio, trata-se de uma espécie de cardápio. Temos, por exemplo, *Frases de Agradecimento, Aniversário, Amor, Felicidade, Formatura, Reconciliação*, entre outras. A cada uma dessas palavras e/ou expressões corresponde um *link*, e, ao clicarmos em uma delas, somos remetidos ao conteúdo do *link* selecionado.

Devido ao meu interesse pelo discurso religioso¹, resolvi verificar, em *sites* como os acima descritos, o funcionamento de *links* que remetem a frases/provérbios vinculados ao campo religioso². Desse modo, ao fim de uma análise preliminar de cinco *links*, selecionei dois, pois, por sua estrutura e modo de funcionamento, eles contemplavam os demais³. Os *links* selecionados foram “Provérbios da Bíblia”, do site www.fraseseproverbios.com e “Frases religiosas”, do site www.belasmensagens.com.br.

Esse tipo de coleta e de seleção de dados aproxima-se do que Maingueneau (2006a) chama de *percurso*, isto é, um tipo de unidade não-tópica, pois não depende de fronteiras pré-estabelecidas, é construído pelos pesquisadores, e se constitui pelo estabelecimento de “redes de unidades de diversas ordens (lexicais, proposicionais, fragmentos de textos) extraídas do interdiscurso, sem procurar construir espaços de coerências, constituir totalidades” (Maingueneau 2006a: 21).

1. Desenvolvo, na *Pós-Graduação em Mémória: Linguagem e Sociedade*, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, um projeto de pesquisa, cujo título é: “Discurso religioso em diferentes narrativas”.

2. Utilizo a noção de campo religioso com o mesmo sentido de Maingueneau (2010a), quando trata de “campo literário”.

3. No site www.fraseseproverbios.com, por exemplo, há um *link* cujo título é “Frases de fé”, o qual, assim como ocorre no caso do *link* “Provérbios da Bíblia”, apresenta um texto inicial, seguido de frases da Bíblia e também de frases atribuídas a pessoas ligadas ao campo religioso, como Madre Tereza de Calcutá. Já no site www.belasmensagens.com.br, há um *link* sob o título “Mensagens de fé”, que apresenta frases assinadas, as quais também se ligam ao campo religioso. Em síntese, os outros *links* dos sites apresentam basicamente a mesma estrutura dos *links* analisados neste trabalho.

Contudo, há diferenças entre o *corpus* da pesquisa que resultou neste artigo e o que Maingueneau chama de percursos. No caso em tela, não se trata de analisar uma frase ou uma fórmula específica, como no caso da fórmula “purificação étnica”, analisada por Krieg-Planque (2003) e citada por Maingueneau (2006a), como exemplo de uma análise de percurso. No caso das frases/provérbios aqui analisados, há uma fronteira prévia, um fio condutor, que é o título do *link*, seja ele “Frases religiosas” ou “Provérbios da Bíblia”. Há, portanto, *um espaço de coerência previamente definido*, o que, segundo Maingueneau (2006a: 21), não ocorre no caso dos percursos.

Nesse caso, poder-se-ia supor que o *corpus* analisado neste artigo faz parte do que Maingueneau chama de *unidades tópicas*. Entretanto, apesar da referência a um campo específico, não se pode considerar a forma de seleção dos dados adotada aqui como efetivamente vinculada à noção de unidades tópicas. Afinal, as frases/provérbios não estão vinculados nem a uma *unidade territorial*⁴, por exemplo uma religião específica, nem a uma *unidade transversa*⁵, como ocorre no caso do estudo de um *registro comunicacional*: o discurso didático ou o discurso de vulgarização, conforme exemplifica o próprio Maingueneau⁶. Enfim, para o *corpus* aqui analisado, vale o que diz o autor no final do texto “Unidades tópicas e não-tópicas”:

/.../ o sentido é fronteira e subversão da fronteira, negociação entre pontos de estabilização da fala e forças que excedem toda localidade. Situação eminentemente desconfortável, porque vemos assim se justaporem, isto é, se imbricarem, muitas vezes, na mesma pesquisa, dois modos de abordagem heterônomos (Maingueneau 2006a: 24).

O *corpus* deste trabalho tem, portanto, uma forma de constituição heterogênea, pois apresenta elementos que o aproximam tanto das análises tópicas quanto das não-tópicas. Trata-se, mais especificamente,

4. As unidades territoriais são um tipo de unidade tópica que corresponde a “espaços já ‘pré-delineados’ pelas práticas verbais” (Maingueneau 2006a: 14). São unidades que se constituem no interior das relações sociais e, por isso, não dependem das escolhas do analista.

5. As unidades transversas são tópicas e atravessam textos de múltiplos gêneros de discurso.

6. Apesar de, como mostrarei no próximo tópico, o *corpus* manter certa relação com a noção de registro comunicacional

de analisar frases publicadas na *internet*, considerando i) seu caráter aforizante; ii) sua forma de circulação; iii) sua relação com o que propomos chamar de “comunicação religiosa”.

2. Aforização e hiperenunciação: percurso teórico

Em um artigo em que defende, inicialmente, a importância do texto para as análises linguísticas, Maingueneau apresenta a noção de aforização para tratar de um tipo especial de enunciados: aqueles que não “decorrem de um regime de enunciação específico” (Maingueneau 2010b: 12). Trata-se de enunciados supostamente sem texto ou, mais especificamente, de aforizações. Para Maingueneau, a aforização tem um funcionamento enunciativo diverso daquele instituído na/pela enunciação textualizante. Em outras palavras, a lógica de funcionamento de enunciados como provérbios, máximas, *slogans*, frases feitas, etc. difere da lógica de funcionamento de um texto. Trata-se, ainda segundo Maingueneau (2010b), de uma diferença de ordem e não de dimensão.

Para ser uma aforização, o enunciado precisa responder a uma série de critérios, os quais são responsáveis pela mudança no *status* pragmático do enunciado aforizante, fazendo com que este se diferencie do *status* de enunciados textualizantes, isto é, de enunciados que, devido à sua constituição, podem ser considerados como parte integrante de um texto.

Para Maingueneau, a característica básica de uma enunciação textualizante é que a instância subjetiva implicada por esse tipo de enunciação é, “com efeito, ‘descentrada’” (Maingueneau 2010b: 13). Ao relacionar a enunciação textualizante à instância subjetiva, Maingueneau retoma, em alguma medida, os postulados de Benveniste, para quem a enunciação é definida como “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste 1974: 82). Em outras palavras, para Benveniste esse ato que constitui a enunciação é um processo de apropriação da língua por um sujeito e, portanto, pressupõe a instauração de uma instância subjetiva, que não é o indivíduo, mas o sujeito da enunciação.

O descentramento da instância subjetiva, que é a principal consequência da enunciação textualizante, se propaga, segundo Maingueneau, por diferentes planos nos quais é possível verificar as diferenças entre textualização e aforização.

No que se refere à questão da relação entre produção e recepção, Maingueneau mostra que, enquanto na enunciação textualizante, há o estabelecimento de papéis, o de produtor e o de receptor, os quais partilham e negociam a responsabilidade pelo dizer; na enunciação aforizante “não há posições correlativas, mas uma instância que fala a uma espécie de ‘auditório universal’ (Perelman), que não se reduz a um destinatário localmente especificado” (Maingueneau 2010b: 13). O resultado é que, na aforização, não há o estabelecimento de papéis e, portanto, não se pode falar em pontos-de-vista ou em enunciadores. É como se o próprio indivíduo falasse. Dessa forma, “a aforização tem como efeito centrar a enunciação no locutor” (Maingueneau 2010b: 13).

Em relação à estrutura lógica, enquanto na enunciação textualizante, há o estabelecimento de um jogo que se mostra por meio de uma rede de pensamentos articulados em torno de diferentes esquemas de linguagem: argumentação, narração, etc.; na aforização, “o enunciado pretende exprimir o pensamento de seu locutor; alguém de qualquer jogo de linguagem (Maingueneau 2010b: 14).

No que diz respeito aos planos enunciativos, os textos, segundo Maingueneau (2010), tendem a estratificar os referidos planos. Na enunciação aforizante, o locutor se mantém em um mesmo plano enunciativo. Mais uma vez, o efeito é de homogeneidade.

No que se refere às formas de subjetividade, todo texto implica uma forma de subjetividade, a qual varia segundo os suportes e os modos de circulação. Por outro lado, “a aforização é uma forma de dizer puro, quase próxima de uma consciência” (Maingueneau 2010b: 14).

Em relação às dimensões, o texto excede a dimensão propriamente verbal. Trata-se, segundo Maingueneau (2010b: 14), “de uma orquestra, em que cada um toca sua parte”. Dessa forma, ao verbal, une-se o gestual (para citar um exemplo), no caso do texto oral, e o cotexto, no caso do texto escrito. O enunciado aforizado, no entanto, não se desdobra para formar um quadro, pois “a aforização pretende escapar ao fluxo da comunicação, ser pura fala” (Maingueneau 2010b: 14).

Em relação à capacidade de memorização, o texto resiste à apropriação por uma memória. Mas, no caso da enunciação aforizante, o que há é “a utopia de uma fala viva, sempre disponível, que atualiza o ‘memorável’” (Maingueneau 2010b: 14).

Por fim, “o ‘aforizador’ assume o ethos de quem está no alto, do indivíduo autorizado, em contato com uma Fonte transcendente” (Maingueneau 2010b: 14). Nesse sentido, a aforização pode, em alguns casos, estar relacionada à figura de um *hiperenunciador*, o qual confere ainda mais credibilidade ao enunciado aforizado. O hiperenunciador é aquele “cuja autoridade garante menos a verdade do enunciado, e mais amplamente sua ‘validade’, sua adequação aos valores, aos fundamentos de uma coletividade” (Maingueneau 2006b: 93). No caso das religiões escritas ou das escolas filosóficas, o hiperenunciador é, na maioria das vezes, o próprio Deus. Nesse caso, o discurso religioso fundamenta sua autoridade na imagem de um hiperenunciador que se institui, no interior desse mesmo discurso, como Verdade Suprema e, por isso mesmo, inquestionável.

A noção de aforização proposta por Maingueneau pode ser relacionada à noção de comunicação tal como formulada por Krieg-Planque, isto é, “um conjunto de saberes e habilidades relativos à antecipação de práticas de retomada, de transformação e de reformulação de enunciados e de seus conteúdos” (Krieg-Planque 2011: 1). Essa concepção diz respeito, conforme explicita a autora, à comunicação das instituições e das organizações e não à comunicação interpessoal. Trata-se, em alguma medida, daquilo que propõe Maingueneau, em *Gênese dos discursos*, quando defende a existência de uma *prática discursiva*, a qual revela uma relação de imbricação entre o enunciado, a enunciação e a rede institucional do grupo que a “enunciação discursiva ao mesmo tempo supõe e torna possível” (Maingueneau 2005: 23). Desse modo, ainda segundo Maingueneau:

Não há, antes, uma instituição, depois uma massa documental, enunciadores, ritos genéticos, uma enunciação, uma difusão e, enfim, um consumo, mas uma mesma rede que rege semanticamente essas diversas instâncias (Maingueneau 2005: 142).

Essa noção de prática ajuda a explicar a relação, proposta por Krieg-Planque (2011), entre a destacabilidade dos enunciados e as

rotinas de trabalho e, portanto, entre o que autora chama de bases linguísticas e bases sociológicas. Na verdade, o que Krieg-Planque propõe é que os enunciados destacados (fórmulas, textos-chave, *slogans*, pequenas frases: citações, máximas, aforismas) sejam analisados não apenas do ponto de vista linguístico, mas também do ponto de vista das “ancoragens sociológicas e etnográficas que põem em evidência as rotinas de trabalho, os saberes e as habilidades práticas que guiam as atividades profissionais” (Krieg-Planque 2011: 2). No que tange a este artigo, trata-se de relacionar as análises das frases/provérbios bíblicos(os) não só ao campo religioso, mas também ao seu *registro comunicacional*⁷: são frases selecionadas para circular na *internet*, em *sites* cujos coenunciadores não estão, necessariamente, vinculados ao campo religioso⁸.

3. Análise das frases: interdiscurso e circulação

A relação das frases/provérbios encontrados nos sites analisados com um suposto hiperenunciador já se materializa no texto que “apresenta” as referidas frases. No caso do *link* “Provérbios da Bíblia”, do *site* www.fraseseproverbios.com, temos, como texto inicial, a seguinte formulação:

- (1) Abaixo você encontra dezenas de **provérbios da Bíblia**. Leia e reflita um pouco sobre cada um deles. Muitos desses ensinamentos, senão todos, são diretamente aplicados a sua vida cotidiana.

7. Maingueneau (2006a) apresenta os registros comunicacionais como um dos subtipos das unidades tópicas. Além dos registros comunicacionais, o autor cita, também, como exemplo de unidades territoriais transversas, os registros linguísticos e os funcionais.

8. A forma de constituição dos sites define, em certa medida, quem é seu coenunciador. Nesse sentido, Maingueneau, quando trata de *ethos*, mostra que, “por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador” (Maingueneau 2004: 97-98). Mas, além da personalidade do enunciador, o *ethos* define, ainda segundo o autor, “o corpo da comunidade imaginária dos que comungam na adesão a um mesmo discurso” (Maingueneau 2004: 100). No caso do *corpus* sob análise, trata-se de um coenunciador objetivo, apressado, alguém que precisa encontrar a frase certa para uma ocasião, um texto ou um comentário. Alguém que necessita manter uma imagem relacionada à frase que selecionou: por exemplo, a imagem de erudito, para quem seleciona uma frase do *link* “frases célebres”, ou a imagem de romântico, para quem seleciona uma frase do *link* “frases românticas”, ou ainda a imagem de religioso, para quem seleciona uma frase de um dos *links* aqui analisados.

O enunciado tem um tom sentencioso que se materializa tanto por meio dos verbos no imperativo (*leia, reflita*), quanto por meio da falta de embreagem enunciativa, principalmente no que diz respeito à primeira pessoa. Afinal, em relação ao produtor, não há um “eu” enunciativamente marcado. Dessa forma, apenas o coenunciador é marcado no texto, por meio dos pronomes *você* e *sua*, e, mesmo nesse caso, trata-se de um “você” e de um “sua” genéricos, que apontam muito mais para um auditório universal do que para um coenunciador específico. Dessa forma, não há um enunciador, mas apenas a “voz” de um locutor que fala do “alto”, anunciando uma verdade suprema e inquestionável. Nesse caso, o efeito é o de que o locutor não está aberto à interlocução e, portanto, à contestação. Trata-se, portanto, de um hiperenunciador. Por outro lado, a expressão “Muitos desses ensinamentos, senão todos”, marca uma relação interlocutiva, uma vez que se caracteriza como uma forma de *modalização autonímica*⁹. Há, portanto, em relação ao exemplo 1, um jogo entre generalização, que se materializa na figura do locutor, e interlocução, que se materializa pelo enunciado modalizado.

No caso do *link* “Frases religiosas”, do site www.belasmensagens.com.br, não há um texto inicial que apresente as frases, como ocorre no caso dos provérbios. Além disso, há uma outra diferença fundamental entre os dois: enquanto nos “Provérbios da Bíblia” não há um nome de autor ao final de cada provérbio, em “Frases religiosas”, há, em alguns casos, um nome de autor ao final. Tanto o fato de não trazer um texto de apresentação quanto o de apresentar frases assinadas são indícios que apontam para um funcionamento discursivo distinto entre os *links* “Frases religiosas” e “Provérbios da Bíblia”. Naquele, publicam-se frases de caráter religioso, proferidas por celebridades, como Ghandi e Jesus Cristo, entre outros. Neste, o que temos é, como o próprio nome já indica, provérbios, os quais foram retirados da Bíblia, mais especificamente do livro *Provérbios*.

Neste caso, é possível supor a existência de diferentes níveis de aforização, que estão vinculados à imagem do hiper(enunciador). No caso dos provérbios, que, por definição, têm um tom sentencioso, uma vez que são “ditos populares tradicionais que oferecem sabedoria e conse-

9. Em relação ao conceito de modalização autonímica, conferir Authier-Revuz (1998).

lhos, de maneira rápida e incisiva” (Obelkevich 1997: 44), verificamos que há, de fato, um hiperenunciador presente desde a apresentação dos enunciados proverbiais. Já, no caso das “Frases religiosas”, o que há, assim como ocorre nas aforizações, é um locutor, uma instância que fala a uma espécie de auditório universal, mas, esse locutor, apesar de também enunciar uma “afirmação soberana” (Maingueneau 2010b: 14), não é um hiperenunciador. Por isso, enquanto o hiperenunciador, no caso dos provérbios, não precisa de uma assinatura, um nome, para ter sua autoridade reconhecida, o locutor das “Frases religiosas” necessita identificar-se para poder ser “ouvido” pelo alocutário¹⁰. Esse funcionamento pode ser verificado não só pela presença/ausência do texto de apresentação e pela assinatura/não-assinatura ao final de cada frase/provérbio, mas também pela própria estrutura das aforizações.

No caso do *link* “Provérbios da Bíblia”, logo após o texto de apresentação, há uma outra “apresentação”, só que, dessa vez, em forma de provérbio. Trata-se do seguinte enunciado:

- (2) Estes Provérbios nos ajudam a dar valor à sabedoria e aos bons conselhos e a entender os pensamentos mais profundos. Eles nos ensinam a viver de maneira inteligente e a sermos corretos, justos e honestos.

Nesse caso, não há a materialização de um hiperenunciador que está no alto, nem mesmo de um locutor que fala a um auditório universal. O pronome “nós” cria um efeito de interlocução, é como se o locutor se incluísse entre os alocutários e, assim, o efeito de distancimento entre a instância de produção e a instância de recepção é anulado.

O excerto é uma citação, não indicada, do início do livro dos *Provérbios*. Nesse caso, o que há é um destacamento forte¹¹, pois o texto fonte não está à disposição do leitor e, por isso, não pode ser facilmente comparado à citação. O enunciado destacado apresenta

10. Quando fizer referência às “Frases religiosas” ou aos “Provérbios da Bíblia”, utilizarei, preferencialmente, o termo *alocutário* em vez *coenunciador*, uma vez que, segundo Maingueneau, “a aforização tem como efeito centrar a enunciação no locutor” (Maingueneau 2010b: 13). Portanto, se não há enunciadores, mas locutores; não há coenunciadores, mas alocutários.

11. O destacamento forte ocorre quando o enunciado destado está “dissociado do texto de origem” (Maingueneau 2006c: 86).

várias modificações em relação à estrutura do texto fonte, entretanto, tais modificações não são para conferir ao texto destacado as características de uma aforização, mas, ao contrário, o que há (principalmente com a inclusão do pronome “nós”) é a transformação de um enunciado originalmente aforizado em um enunciado textualizante. Vejamos o texto bíblico:

- (3) Provérbios de Salomão, filho de Davi, o rei de Israel. Para aprender a sabedoria e o ensino; para entender as palavras de inteligência; para obter o ensino e o bom proceder, a justiça, o juízo e a equidade (Bíblia Sagrada, Provérbios, 1, 1-3)¹².

No caso da Bíblia, é importante levar em consideração questões de tradução e de interpretação por parte das diferentes religiões, por isso apresento uma outra versão:

- (4) Provérbios de Salomão, filho de Davi, rei de Israel, para conhecer a sabedoria e a instrução, para compreender as palavras sensatas, para adquirir as lições do bom senso, da justiça, da equidade e da retidão (Bíblia Sagrada, Provérbios, 1, 1-3)¹³

Nos dois excertos, apesar das diferenças em relação a algumas escolhas lexicais (instrução/ensino; palavras de inteligência/palavras sensatas, etc.), verificamos um tom sentencioso, marcado pela ausência da interlocução e pelas construções paralelas, com a preposição “para”. Essas construções paralelas se repetem várias vezes nos dois excertos. Tal repetição confere ao enunciado um ritmo específico e o ritmo é, segundo Obelkevich (1997), uma das marcas dos provérbios. No caso do provérbio inicial do *link* “Provérbios da Bíblia”, há várias mudanças em relação aos dois excertos acima apresentados (por exemplo: não se faz referência a Salomão, a Davi ou a Israel), mas a principal delas é justamente a mudança de tom, que deixa de ser sentencioso, como é característico dos provérbios, e passa a ser instrucional/educativo. Na verdade, algo se mantém, pois o tom sentencioso traz consigo um valor instrutivo, mas, comparando os três excertos, o enunciado do

12. Versão protestante/evangélica.

13. Versão católica.

link “Provérbios da Bíblia” é, no que diz respeito a sua forma, menos proverbial que os dois últimos excertos.

Em relação aos demais provérbios apresentados no *link* supracitado, verifiquei que quase todos fazem parte do livro bíblico dos *Provérbios*¹⁴. Essa relação com enunciados que são por natureza destacados, como é o caso dos do livro *Provérbios*, faz com que os enunciados apresentados no *link* sejam facilmente caracterizados como enunciados proverbiais e, portanto, na concepção de Maingueneau, como aforizações. Contudo, assim como ocorre no exemplo 2, analisado acima, verificamos que há, em relação aos enunciados do livro *Provérbios*, um trabalho de *transformação* e de *reformulação*, no sentido de Krieg-Planque (2011). Esse trabalho de transformação e de reformulação é menos visível em relação à estrutura dos enunciados do que em relação aos seus efeitos. Isso porque, apesar de algumas diferenças no nível lexical, a estrutura sintática dos enunciados permanece basicamente a mesma, como podemos verificar na tabela 1. Portanto, apesar de não ocorrerem mudanças estruturais significativas, há mudanças relativas à circulação desses enunciados. Essas mudanças ocorrem no plano enunciativo e dizem respeito, principalmente, ao *status* do coenunciador.

No caso do texto bíblico, o coenunciador é alguém que conhece o funcionamento deste tipo de texto, pois é, supostamente, um leitor deste e, por isso mesmo, faz relações entre o livro *Provérbios* e os demais livros da Bíblia. No caso daquele que procura o provérbio de que necessita em *sites* de frases, o foco não é a Bíblia, mas o provérbio. Nesse caso, a Bíblia funciona apenas como um argumento de autoridade que reforça a relevância do provérbio¹⁵. Em outras palavras, quem procura frases em um *site* específico para esse fim, interessa-se mais pelo próprio enunciado do que por sua relação com um determinado campo, no caso, o religioso. Ainda acerca da relação entre os enunciados dos “Provérbios da Bíblia” e os enunciados que constituem o livro *Provérbios*, vejamos a tabela abaixo:

14. Não posso afirmar que todos fazem parte do referido livro, pois alguns eu não encontrei no livro dos *Provérbios*.

15. Não se trata apenas do veículo, a *internet*, pois, existem Bíblias on-line, as quais exercem, em princípio, a mesma função da Bíblia de papel. Trata-se do fato de os provérbios bíblicos serem encontrados em um *site* que oferece frases para diferentes ocasiões.

Tabela 1: Estrutura de alguns enunciados do link “provérbios da bíblia”

Tipos de construções	Bíblia Sagrada	Link “Provérbios da bíblia”
Construções binárias em que a primeira e a segunda oração apresentam qualidades do “homem de Deus”	“A alma generosa será cumulada de bens; e o que largamente dá, largamente receberá” (Bíblia Sagrada, Livro dos Provérbios, 11, 25).	“O que atenta prudentemente para a palavra prosperará; e feliz é aquele que confia no Senhor” (http://www.fraseseproverbios.com/proverbios-biblia.php).
Construções binárias em que a primeira e a segunda oração apresentam defeitos/erros/pecados do “homem sem Deus”	“O preguiçoso cobiça, mas nada obtém; a maldade arruína o pecador”. (Bíblia Sagrada, Livro dos Provérbios, 13, 4).	“O homem vil suscita o mal; e nos seus lábios há como que um fogo ardente” (http://www.fraseseproverbios.com/proverbios-biblia.php).
Construções binárias em que a segunda é uma contraposição da primeira.	“O homem de bem goza do fruto de sua boca, mas o desejo dos pérfidos é a violência”. (Bíblia Sagrada, Livro dos Provérbios, 13, 2).	“A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira”. (http://www.fraseseproverbios.com/proverbios-biblia.php).
Construções imperativas/apelativas, em que o locutor assume um tom de aconselhamento ou de exortação	“Afasta-te da presença do tolo: em seus lábios não encontrarás palavras sábias” (Bíblia Sagrada, Livro dos Provérbios, 14, 7).	“Confia no Deus eterno de todo o seu coração e não se apóie na sua própria inteligência. Lembre-se de Deus em tudo o que fizer, e ele lhe mostrará o caminho certo.” (http://www.fraseseproverbios.com/proverbios-biblia.php).

Nos exemplos, há um hiperenunciador que está no alto e que, por isso, confere ao provérbio um tom de verdade inquestionável. Além disso, por meio das expressões referenciais definidas, há a materialização de diferentes pré-construídos, todos relacionados ao discurso religioso¹⁶. É o que ocorre, por exemplo, com as expressões “o homem vil”, “o que atenta prudentemente para palavra” e “aquele que confia no Senhor”. Tais expressões indicam a existência de categorias distintas de homens, os quais se diferenciam por critérios morais e/ou religiosos.

Há, ainda em relação ao *link* “Provérbios da bíblia”, alguns provérbios (como o último apresentado na tabela acima) que fazem referência a um “tu” ou a um “você”. Nesse caso, há, supostamente, o estabelecimento de uma interlocução, o que, segundo Maingueneau,

16. Sobre a noção de *pré-construído*, conferir Pêcheux (1988).

não faria parte da estrutura das aforizações. Vejamos, então, alguns exemplos:

- (5) Abre a tua boca; julga retamente, e faz justiça aos pobres e aos necessitados.
- (6) Deus sabe por onde você anda e vê tudo o que você faz.

Os enunciados acima, apesar de fazerem referência à segunda pessoa (TU/VOCÊ), não marcam, de fato, uma interlucção. Trata-se do “você” genérico, como o “você” usado nas propagandas. No caso da propaganda, há um interlocutor virtual¹⁷, mas, no caso dos enunciados acima, esse coenunciador é, de fato, um auditório universal, no sentido de Perelman¹⁸. Em outras palavras, no caso dos provérbios da Bíblia, não se trata de um coenunciador virtual, vinculado a um segmento de mercado específico, como no caso das propagandas, trata-se, supostamente, de todos os viventes (ou, ao menos, de todos aqueles que tiverem acesso aos referidos provérbios)¹⁹.

Em relação às frases publicadas no site www.belasmensagens.com.br, essas não têm o mesmo estatuto dos “Provérbios da Bíblia”. A forma de nomear cada um dos *links* já é um indício dessa mudança de categoria: são frases religiosas e não mais provérbios. Por isso, ao contrário do que ocorre no caso destes últimos, as frases são, como dito acima, em sua maioria, assinadas. Os autores, aqueles cujos nomes aparecem ao final de cada enunciado, são, na maioria dos casos, personalidades, isto é, pessoas conhecidas pela sociedade em geral, como, por exemplo, Gandhi, Benjamin Franklin e Lutero. Há também frases cujos autores fazem parte de uma religião específica, como é o caso do pastor Marcos Feliciano Silva. Há ainda frases que fazem referência à Bíblia, pois são

17. Em um comercial de produtos de cabelo (*shampoo*, condicionador, etc.), por exemplo, o coenunciador é aquele que, como afirma Maingueneau (2004), incorpora o *ethos* do fiador e passa a fazer parte da comunidade imaginária dos que partilham daquele discurso: um sujeito com cabelos maltratados e que quer/precisa melhorá-los.

18. Sobre o conceito de *auditório universal*, conferir Perelman e Olbrechts-Tyteca (2000).

19. Vale salientar que, nesse caso, o uso do tu/você (sobretudo do você) contribui para mostrar um perfil de coenunciador diferente daquele leitor do campo religioso, acostumado com a estrutura não interlocutiva do texto. Esse dado reforça a tese, defendida ao longo deste artigo, de que a forma de circulação das frases/provérbios aqui analisados age, em alguma medida, sobre o funcionamento dos aspectos formais desses enunciados.

atribuídas a personagens bíblicos, como o profeta Isaías, o apóstolo Paulo ou mesmo o próprio Jesus Cristo. Há, por fim, frases que não são assinadas.

Essa diversidade em relação ao nome de autor também ocorre quando se trata do “*status* pragmático” (Maingueneau 2010b: 12) do enunciado. Há frases que são claramente aforizações, pois apresentam várias características que as tornam *destacáveis*. É o caso dos enunciados apresentados a seguir:

- (7) A fé em Deus nos faz crer no incrível, ver o invisível e realizar o impossível.
- (8) A boca fala do que está cheio o coração (Jesus Cristo).
- (9) Tudo é como é, e é perfeito. Se não é perfeito aos nossos olhos, é perfeito aos olhos de Deus.
- (10) “Orar não é pedir. Orar é a respiração da alma” (Ghandi).

Há, nesses exemplos, várias características das aforizações. As expressões referenciais definidas, como “a fé”, “a alma”, “a boca”, “o coração”, criam um efeito generalizante, que é comum nas enunciações aforizantes. Este efeito de generalização liga-se ao que Maingueneau chama de “plenitude imaginária” do locutor, o qual “se exprime além/aquém de todo papel” (Maingueneau 2012: 13). Esse efeito generalizante também se materializa por meio de pronomes (*tudo*) e de negações polêmicas (*Orar não é pedir*)²⁰. Além disso, as frases nominais com o verbo copulativo “ser” (*Orar é a respiração da alma*) também produzem um efeito de generalização.

Por outro lado, há frases cuja destacabilidade não está relacionada a um fator estrutural, mas ao regime aforizante ao qual o enunciado está submetido. Em outras palavras, o fato de fazer parte de um *site* que tem como principal característica oferecer ao seu usuário enunciados aforizados (frases célebres, provérbios, etc.) garante ao enunciado o estatuto de aforização. É o que vemos nos exemplos a seguir:

- (11) Senhor dá-me serenidade para aceitar tudo aquilo que não pode e não deve ser mudado. Dá-me força para mudar tudo o que pode e deve ser mudado. Mas, acima de tudo, dá-me sabedoria para distinguir uma coisa da outra.

20. Sobre a noção de *negação polêmica*, conferir Ducrot (1984).

- (12) Graças vos dou, Senhor, por serdes a fonte de que dimana todo o bem que me sucede. Os que esperam no Senhor renovam suas forças, sobem com asas de águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam (Isaiás).

Esses enunciados têm um funcionamento semelhante ao que ocorre no caso da aforização “Eu me acho linda”, analisada por Maingueneau (2010b). Em enunciados como esse, o leitor deve, por meio de uma “atitude hermenêutica”, “construir interpretações que permitam justificar a pertinência” da operação de destacamento (Maingueneau 2010b: 15). No caso dos exemplos acima, é como se o leitor dissesse: “se está aqui, destacado do texto fonte e entre as aforizações, é porque também é uma aforização”. Para tanto, o leitor precisa, ainda segundo Maingueneau, postular “um além do sentido imediato” e, portanto, “justificar, pela busca hermenêutica, a própria operação de destacamento” (Maingueneau 2010b: 15). Por isso, os enunciados 11 e 12, mesmo apresentando a marcação de uma interlocução (Enunciador/EU e Senhor/TU), podem ser definidos como aforizações.

Destaco, por fim, o exemplo 12, o qual tem um funcionamento bastante interessante. O primeiro período, por marcar a relação interlocutiva e por ser um ato de fala, mais especificamente um ato de agradecimento (“Graças vos dou...”), obedece à lógica das enunciações textualizantes. Entretanto, o segundo período não marca uma interlocução, é generalizante (não há um coenunciador específico, pois dirige-se, supostamente, a um auditório universal) e, além disso, é introduzido por um grupo nominal tematizado e pouco determinado²¹ (*Os que esperam no Senhor*), o que reforça o tom generalizante do enunciado. Nesse caso, o enunciado é, em seu todo, uma aforização, mas, na primeira parte, “a aforização permanece vaga”, pois “não há saliência do Sdo e/ou do Ste” (Maingueneau 2010b: 9). Esse funcionamento mostra, mais uma vez, uma relação entre as regularidades do campo religioso, que prioriza o tom generalizante, e as regularidade do meio de circulação do enunciado, a *internet*, que prioriza o estabelecimento da relação interlocutiva.

21. A respeito dos grupos nominais tematizados, conferir Maingueneau (1997).

4. Considerações finais

As análises dos “Provérbios da Bíblia” e das “Frases religiosas” mostraram que o funcionamento da aforização não depende apenas de critérios formais, tais como aqueles apresentados por Maingueneau (2010b: 23) sob as categorias de *textuais*, *lexicais*, *modais*, *aspectuais*, *sintáticos* e *semânticos*. Além desses aspectos, há, como afirma o próprio autor (2010b), um *status* pragmático que se diferencia do *status* das enunciação textualizantes. Nesse sentido, por se tratar de textos que, apesar de estarem ligados ao campo religioso, não circulam especificamente nesse campo, as análises revelaram que a reformulação centra-se mais na própria circulação e no coenunciador do que na estrutura sintática. Em outras palavras, o *status* pragmático das enunciações aforizantes está relacionado às práticas de retomada, de reformulação e de transformação dos enunciados (Krieg-Planque, 2011) comuns às formas de comunicação da *internet*. E mais: além do meio (a *internet*), estas práticas de retomada, de reformulação e de transformação estão relacionadas ao *campo* religioso, o qual tem suas “regras” (no sentido de regularidades) de funcionamento. Desse modo, há, por um lado, restrições relativas à circulações dos enunciados; e, por outro, restrições que dizem respeito ao funcionamento do campo religioso. Em síntese, defendo que as aforizações analisadas estão relacionadas a uma *comunicação* (práticas de retomada, reformulação e transformação) *religiosa*, isto é, restrita às regularidades do campo religioso.

Recebido em: maio de 2013

Aprovado em: setembro de 2013

E-mail: edvania_g@yahoo.com.br

Referências bibliográficas

- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- BENVENISTE, Émile. 1974. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de lingüística geral II*. Tradução: Eduardo Guimarães (*et. al.*). Campinas/SP: Pontes: 81-90.
- BÍBLIA SAGRADA. 1999. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri – São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil (versão protestante/evangélica).

- BÍBLIA SAGRADA. 1996. Tradução dos originais pelo Centro Bíblico Católico. Revista por Frei João Pedreira de Castro. 103 ed. São Paulo: Editora Ave-Maria (versão protestante/evangélica).
- DUCROT, Oswald. 1984. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. Tradução Eduardo Guimarães. In: *O dizer e o dito*. Campinas/SP: Pontes: 161-219.
- KRIEG-PLANQUE, Alice. 2011. Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados. Tradução: Luciana Salazar Salgado. In: *Linguagem*. 16^a ed. www.letras.ufscar.br/linguagem: 1-14.
- MAINGUENEAU, Dominique. 1997. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Tradução: Freda Indursky. 3^a. ed. Campinas/SP: Pontes. p. 142-145
- _____. 2004. O ethos. In: _____. *Análise de textos de comunicação*. Tradução: Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. 3^a. ed. São Paulo: Cortez: 95-103.
- _____. 2005. *Gênese dos discursos*. Tradução: Sírio Possenti. Curitiba/PR: Criar Edições.
- _____. 2006a. Unidade tópicas e não-tópicas. Tradução: Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. In: *Cenas da enunciação*. Organização: Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva, Sírio Possenti. Curitiba/PR: Criar Edições: 9-24.
- _____. 2006b. A noção de hiperenunciador. Tradução: Roberto Leiser Baronas. In: *Cenas da enunciação*. Organização: Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva, Sírio Possenti. Curitiba/PR: Criar Edições: 92-110.
- _____. 2006c. Citação e destacabilidade. Tradução: Roberto Leiser Baronas. In: *Cenas da enunciação*. Organização: Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva, Sírio Possenti. Curitiba/PR: Criar Edições: 72-90.
- _____. 2010a. Campo discursivo – a propósito do campo literário. Tradução: Fernanda Mussalin. In: *Doze conceitos em Análise do Discurso*. Organização: Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva, Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial: 49-62.
- _____. 2010b. Aforização – enunciados sem texto?. Tradução: Ana Raquel Motta. In: *Doze conceitos em Análise do Discurso*. Organização: Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva, Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial: 9-24.
- OBELKAVICH, James. 1997. Provérbios e história social. In: BURKER, Peter.; PORTER, Roy. (Org.). *História social da linguagem*. Tradução: Alvaro Hattner. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (UNESP/Cambridge): 43-82.

- PERELMAN, Chain; Olbrechts-Tyteca, Lucie. 2000. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi (et. al.). São Paulo: Editora da UNICAMP, 1988.